

OFICINA MEMÓRIA VIVA: INTERVENÇÕES EM DIFERENTES ESPAÇOS (AUTO) BIOGRÁFICOS

Rita Duarte do Amaral
Patricia Geribello Ferreira Cabral

Oficina Memória Viva; PUC/SP – Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento
NEPE do Programa De Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo – Brasil

Rita Duarte do Amaral – silveiramaral@uol.com.br
Patricia Ferreira Cabral – patricia@oficinamemoriaviva.com.br

Resumo

A Oficina Memória Viva é uma iniciativa construída a partir das necessidades que o novo cenário sócio-demográfico nos impõe. O avanço da tecnologia e da medicina traz como uma de suas principais conseqüências o aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, uma população idosa mais numerosa. É preciso se adaptar ao mundo que envelhece e para tanto são necessárias políticas e diretrizes, desdobradas em projetos e ações que atendam as necessidades e expectativas desta população. Nesse sentido os projetos da Oficina Memória Viva partem do reconhecimento de que o crescente segmento de idosos precisa criar uma rede de relacionamento entre si com novas técnicas de inclusão. Para tanto utiliza a memória (auto) biográfica como método de resgate da história afetiva vivida, através da técnica Oficina de Memória (Auto) biográfica. A metodologia qualitativa teve como referencial teórico, entre outros autores, Brandão, Izquierdo, Halbwachs e a participação das autoras no Projeto de Formação Continuada Oficina de Memória (Auto) biográfica: Teoria e Prática e no Grupo de Estudos da Memória - GEM - ligado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP.

Nesse trabalho ampliaremos a discussão do uso dessa técnica de oficinas de memórias (auto) biográficas a partir da experiência prática em oficinas desenvolvidas em diferentes espaços (auto) biográficos como: Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), empresas, museus e centros de convivência. O objetivo das oficinas foi criar um espaço de inclusão e valorização através da escuta, reflexão e troca de experiências entre os participantes. Construir novos significados para a trajetória de vida, ampliar os laços sociais e com isso propiciar o aumento de auto-estima. Para tanto, pretende-se ressaltar a importância da memória como vetor de integração dos atores da cidade com suas raízes, e a preservação do patrimônio humano. O trabalho possibilita uma reflexão sobre a trajetória de vida, reconstruída com a perspectiva da identidade atual, ressignificando-a e inserindo-a na história coletiva no tempo e espaço das culturas de origem e destino, resgatando a memória social das cidades, do trabalho, do espaço de convivência pelo olhar único de cada indivíduo. Percebemos a importância do grupo, fator relevante para os idosos, pela oportunidade do encontro e o (re) descobrimento de si e do outro, e por sua força latente, que vai se desenvolvendo a partir dos encontros, estabelecendo um forte laço afetivo entre os participantes. Como técnica tem-se mostrado eficiente, pois dá voz e visibilidade aos sujeitos envolvidos e, ao trabalhar a atenção, a síntese e a conclusão, também atua nas funções cognitivas. Os resultados apontam que as situações vividas e compartilhadas podem facilitar a formação de laços afetivos entre os participantes e entre eles e as instituições ao favorecer a descoberta de potencialidades. Foram registradas melhoras nas funções cognitivas e no vocabulário, e

sentimentos de melhora na qualidade de vida, segundo avaliação subjetiva feita pelos idosos e pelas mediadoras.

Palavras Chaves: memória (auto) biográfica, envelhecimento, oficina.

A Oficina Memória Viva é uma iniciativa construída a partir das necessidades que o novo cenário sócio-demográfico nos impõe. Como todos os países da América Latina, o Brasil é um país que está envelhecendo rapidamente e esse fato é cada vez mais notado nas nossas relações, na mídia e na sociedade em geral, portanto iniciativas e empreendimentos que atuem com o envelhecimento em diferentes espaços podem nos trazer dados para projetos futuros e se tornam bastante interessantes.

Ao tratar do envelhecimento, abordamos um tema de estudo complexo, e uma preocupação recente em nossa sociedade brasileira. Até então, o país sempre fora conhecido como jovem e somente há pouco se percebeu que essa “cara jovem” sofreu mudanças significativas.

Os estudos demográficos apontam para o crescimento do segmento idoso, e esta é uma variável nova para a nossa sociedade. Berquó (1996:7) ao tratar essa questão, chama à atenção para essa parcela da população: *O crescimento da população idosa torna-se cada vez mais relevante porque ele já supera aquele da população total*. Por meio de projeções, a autora mostra que esse aumento da população dos idosos, em relação à população total, tende a continuar crescendo. Segundo ela, nesse novo século, o Brasil deve encontrar-se com 8.7 milhões de pessoas com sessenta e cinco anos ou mais, numa relação proporcional de um idoso para vinte brasileiros com a projeção para 2020, de um idoso para treze brasileiros. Isso significa que a população idosa tende a um aumento ainda maior nos próximos 20 anos, relacionado, diretamente, com o declínio da taxa de fecundidade da população: a taxa da média de filhos das brasileiras está caindo, fenômeno que se reflete nas transformações demográficas.

É importante esclarecer que para a definição de metas governamentais e de políticas públicas no Brasil, considera-se idoso aquele maior de 60 anos de idade. (Estatuto do Idoso, Lei n° 10.742, de 1 de outubro de 2003 – Título I, Art. 1º).

Se compararmos o processo de envelhecimento brasileiro ao dos países desenvolvidos constataremos algumas diferenças. A primeira delas se refere ao tempo que a população levou para envelhecer. Enquanto na Europa tal fato ocorreu em um século, no Brasil este fato se deu em três décadas, a partir de 1970. Como conseqüências surgiram dificuldades para lidarmos com este processo nos últimos anos. Além disto “a situação sócio econômica da população brasileira que envelhece é precária, não lhe oferecendo meios para atender satisfatoriamente às necessidades básicas para viver a velhice” (Corteletti et alli: 2004:16).

A Oficina Memória Viva iniciou suas atividades em 2003 a partir do curso de formação *Oficina Memória Autobiográfica: teoria e prática* ministrado pela profª Vera Brandão na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Esse curso deu os subsídios teórico-práticos para a execução das oficinas com idosos em diferentes espaços, dando seqüência ao projeto Memória e Cultura, por ela iniciado em 1994.

Entre 2003 e 2004 a oficina aconteceu no Pateo do Collegio, que marca com exatidão o local de fundação da cidade de São Paulo, hoje a mais populosa do Brasil. Foi implantado para atender aos objetivos de realização de atividades culturais do Centro Loyola de Fé e Cultura e a integração da comunidade idosa com e nesse espaço público, que também abriga o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, patrimônios históricos da cidade. O desdobramento desse projeto aconteceu na cidade do Embu das Artes, situada

a 30 quilômetros da capital, e se desenvolveu no Largo dos Jesuítas, onde também se localiza o Museu de Arte Sacra.

No ano de 2005 o projeto foi implantado em um centro de convivência para idosos na cidade de Barueri, situada a 40 quilômetros da capital. O centro de convivências chamado Grupo Vida – Barueri é uma entidade civil sem fins lucrativos, que prestava serviços aos residentes neste município, com idade igual ou maior que 60 anos. O Grupo Vida iniciou suas atividades em outubro de 1975 com 56 idosos, no centro de Barueri e em 2006, contava com 1.836 associados, em suas três unidades. A Oficina Memória Viva foi implantada nas unidades da Sede e do Jardim Mutinga, que se situa na região periférica da cidade.

A partir de 2006 foram realizadas intervenções em instituições asilares. Partiu-se da premissa que o trabalho com memória abriria a possibilidade de criar, dentro de uma Instituição de Longa Permanência (ILPI), um espaço de inclusão e revalorização das histórias de vida dos idosos.

Em 2009 foi realizada uma intervenção no ambiente corporativo em uma empresa de engenharia consultiva que comemorou 30 anos de existência.

Em 2010 foram realizadas intervenções no Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc) Pompéia em São Paulo no projeto “FACES, Trajetos e Lares” que tinha como objetivo retratar os frequentadores idosos e contemplar suas histórias de vida, seus vínculos com o bairro e a história da Fábrica Pompéia no mesmo endereço desde 1938. Foram realizadas as oficinas (auto) biográficas com a temática focada a partir das imagens dos próprios frequentadores no espaço Sesc Pompéia. Nesse mesmo ano realizou-se uma oficina (auto) biográfica na Sociedade Beneficente Rosalia de Castro que atende idosos espanhóis.

Desde 2003 foram realizadas algumas intervenções pontuais em outros espaços diferenciados como os Encontros de Idosos nas cidades de Penedo e Conservatória no estado do Rio de Janeiro que é promovido e organizado por um site denominado Mais de 50(www. maide50.com.br); na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para idosos da comunidade com o projeto *Encontros com as memórias*. Este modelo de intervenção pontual em ILPIS denominamos *Encontros Autobiográficos*, o diferencial é justamente ser um trabalho pontual e não processual como o da Oficina.

É importante ressaltar que a denominação Oficina Memória Viva foi construída ao longo de sete anos de trabalho em parceria de Cabral, psicóloga e Amaral, pedagoga.

O objetivo da Oficina Memória Viva é criar um espaço de inclusão e valorização através da escuta, reflexão e troca de experiências entre os participantes. Construir novos significados para a trajetória de vida, ampliar os laços sociais e a auto-estima, ressaltando a importância da memória como vetor de integração entre os participantes e entre as instituições em que estão inseridos seja ela uma empresa, uma ILPI ou um Centro de Convivências. Isso se dá a partir do momento que vivenciando a oficina possibilita-se a reflexão sobre a trajetória de vida, reconstruída com a perspectiva da identidade atual, ressignificando-a e inserindo-a na história coletiva no tempo e espaço das culturas de origem e destino, resgatando a memória social das cidades, dos locais em que estão inseridos pelo olhar único de cada indivíduo.

"Nunca estamos sós", diz Halbwachs (1990), reforçando sua tese de que toda lembrança, mesmo tida pelo indivíduo como única, prende-se de alguma maneira ao contexto social mais amplo. Lembrar é reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente; é uma lembrança consciente. Ela também se apóia no tempo socialmente referido - a memória está no grupo - e o trabalho de reconstrução do passado só pode ser realizado nesse contexto. (Brandão, 2002:183).

Esta afirmação aponta também para a importância do grupo, fator relevante para os participantes da oficina, pela oportunidade do encontro e o (re) descobrimento de si e do

outro, e por sua força latente, que vai se desenvolvendo a partir dos encontros, estabelecendo um forte laço afetivo entre eles.

Como idéia principal e guia nos propusemos a resgatar a história da cidade, da empresa ou a própria história afetiva, não as histórias oficiais ou as anamneses, nem mesmo as histórias jornalísticas, reais, mas a história vivida, experimentada, criada através das palavras de seus habitantes/participantes. Partimos da idéia que é possível transformar cada indivíduo em narrador-participante, memória viva. Esse trabalho de rememoração, além de prazeroso, pode aproximar as pessoas. Afirma Brandão (2005):

Ao compartilhar lembranças, os tempos individuais se cruzam, formando um outro tempo coletivo, tempo presente no grupo. Este compartilhar dá lugar a uma nova solidariedade que propicia a cada um e ao grupo como um todo, a segurança necessária para os relatos em um espaço de valorização e compreensão. Assim, a indiferença, marca das grandes cidades, desaparece dando lugar a uma nova trama de relações... Assim os grupos, formados aleatoriamente, tecem uma nova trama de (re) significados. (2005:161).

Finalmente, mas não menos importante, a Oficina Memória Viva se propõe a promover o envelhecimento ativo, com futuro e a inclusão social, através do compromisso de participação e a descoberta, por meio das reflexões, de novos projetos de vida. Como, exemplo, podemos citar o interesse que alguns idosos analfabetos tiveram pelo processo de alfabetização para adultos no Centro de Convivência. Isso evidencia que mesmo para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de acesso ao mundo letrado, o registro da narrativa pela palavra escrita, levou a descoberta de um mundo novo, repleto de desafios. Os estudos gerontológicos confirmam que as atividades e projetos que motivem o idoso à participação têm um caráter preventivo, focando a manutenção da autonomia, pois, *envelhecer é um direito do cidadão, e envelhecer dignamente, um dever da sociedade.* (Paz, 2004:241)

A experiência nos mostra que, a partir da memória nas histórias narradas, e muitas vezes escritas, podemos, usando a linguagem, refletir, compreender, reorganizar e ressignificar essas trajetórias e projetos de vida-trabalho, nossas e de outros, articulando as memórias individuais e coletiva, dando-lhes um sentido-significado. Essa história, que é nossa e dos grupos aos quais pertencemos, diz-nos quem somos, auxilia e fortalece nossa identidade, ilumina nosso caminho na busca de sentidos para o nosso ser-estar no mundo. (Brandão, 2008: 15)

Para tanto, utilizamos a memória como método de resgate da história afetiva vivida, através da técnica Oficina de Memória (Auto) biográfica. As Oficinas nos espaços como o Pateo do Colégio, o Centro de Convivência, o Sesc, a Sociedade Beneficente Rosalia de Castro foram realizadas em encontros semanais (8 a 10 encontros) de duas horas de duração com o mesmo grupo e com até 15 participantes. Nas Instituições de Longa Permanência o tempo de duração e o número de participantes foi menor, trabalhou-se com encontros semanais em grupos de até oito pessoas com uma hora e meia de duração. Na empresa trabalhamos em dois momentos, inicialmente uma intervenção individual e depois uma intervenção grupal. Além das oficinas desenvolvemos os já citados *Encontros Autobiográficos* que podem acontecer em um único momento com um número maior de participantes. Pela nossa experiência de oito a quinze participantes é o tamanho de grupo ideal para que todos tenham a oportunidade de se manifestarem no tempo previsto.

Ao iniciarmos qualquer intervenção temos o cuidado de estabelecermos um contrato verbal de compromisso e acordos com os participantes. Nesse contrato enfatizamos que todos os participantes podem e devem falar democraticamente o que tiverem vontade, respeitando o tempo de cada um. Esclarecemos que escutar a história do outro é importante para quem fala e quem escuta o que estabelece uma relação de respeito e

confiança. Fazemos um acordo ético de sigilo apontando que o que for conversado no grupo, ao grupo pertence. Mostramos que respeitar a confidencialidade sobre a informação que está sendo compartilhada é essencial para haver confiança dentro do grupo. Um outro cuidado que temos é de pedir a autorização do grupo para a utilização do material aplicado e das imagens eventualmente feitas durante o processo. Explicitamos que somos pesquisadoras e nas oficinas podemos obter um tesouro de matéria-prima que pode inclusive auxiliar no desenvolvimento de projetos voltados ao bem estar e melhoria da qualidade de vida. Deixamos claro que os nomes podem ser omitidos e não existe a obrigatoriedade em assinar o termo caso o participante assim o desejar.

Os encontros são planejados de modo a permitir a expressão espontânea de todos os seus participantes; para tanto, a função de controlar o tempo é exercida por uma das mediadoras. E como “*toda a memória é adquirida num certo estado emocional*” (Izquierdo, 2005:36) quando trabalhamos na perspectiva da evocação de memórias (auto) biográfica, a continência e respeito pelas falas, e até mesmo os silêncios e esquecimentos dos participantes se fazem fundamentais. No decorrer do processo, com o aprofundamento dos vínculos, percebemos que essa função de continência e respeito pelo outro vai se desenvolvendo no próprio grupo.

Utilizam-se os conceitos de ressignificação, no sentido de atualização da identidade, e de “*memória afetiva positiva na perspectiva do desejo - não focando no que não foi feito, e sim no que posso e quero fazer.*” (Brandão, 2002:186)

Quando trabalhamos na perspectiva da memória (auto)biográfica trabalhamos as histórias de vida que segundo Delory-Momberger (2008) acontece na narrativa.

A narrativa realiza sobre o material indefinido da experiência vivida um trabalho de homogeneização, ordenação e funcionalidade significativa: ela reúne, organiza, tematiza os acontecimentos da existência, dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico. É a narrativa que dá uma *história* a nossa vida: *nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.* (grifo do autor, Delory-Momberger, 2008:97).

Nos grupos de oficina além das narrativas orais trabalhadas no processo, convidamos os participantes a escreverem aquilo que foi verbalizado em cada encontro. Essa tarefa é pedida no intervalo de uma semana e a partir desse relato escrito construímos e organizamos os cadernos de memória.

Cada instituição e cada espaço têm suas peculiaridades, e utilizamos a técnica da memória (auto)biográfica de acordo com a demanda do grupo e da instituição. A memória (auto)biográfica permite essa flexibilidade onde podemos criar e adaptar as necessidades do grupo.

Dentro do espaço corporativo essa articulação entre as memórias individuais e coletivas é ampliada para as relações do trabalho. O grupo de funcionários tem a oportunidade de compartilhar as memórias do trabalho em um espaço diferente do seu cotidiano. Nas empresas fala-se muito de capital humano que é valorizado a partir do momento em que damos voz e significado à palavra dos funcionários. Nesse espaço as pessoas podem ao compartilhar as lembranças do trabalho e refletir sobre o lugar construído. *Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor.* (Bosi, 1999:481)

Na empresa em que atuamos foram realizadas entrevistas individuais e em seguida as oficinas. O objetivo específico dessas oficinas foi conhecer a empresa e a história da mesma pela voz dos funcionários. Nesse processo de construção cada um teve um papel e a memória coletiva do grupo trouxe situações e experiências peculiares,

surpreendentes e enriquecedoras. Vale ressaltar a ousadia da empresa e seus funcionários ao aceitar esse trabalho inovador. Seguem as palavras de um deles:

“Tem uma história interessante o dono da empresa conta para todo mundo. Eu tinha acabado de me formar pela Faap. Minha tia passou em frente à uma obra da empresa, viu o telefone na placa, conversou com uma pessoa na obra. Ligou e perguntou se era uma empresa de engenharia. Ela andava preocupada porque eu fazia estágio e queria tentar me empregar. Eu estava quase para me formar, terminei meu curso em dezembro de 1982 e em janeiro eu já comecei a trabalhar, quer dizer, eu não fiquei desempregado. Ela é uma pessoa que vai para cima das coisas; é uma ótima vendedora, vai entrando, vai falando e vai conseguindo as coisas.

Ela falou para mim: “Olha, eu liguei lá para o dono da firma e ele falou para você ir lá conversar com ele” Eu falei: “Tia isso não acontece assim, tem que ser realizado um processo seletivo”. Ela disse que já tinha falado com ele e que ele tinha falado para eu ir lá. Liguei e marquei de conversar com o dono da empresa, aí comecei a trabalhar com ele. (homem, funcionário há 27 anos).

Bosi (1999) diz que *a memória do trabalho é o sentido, a justificção de toda uma biografia* (1999:481). No caso das oficinas desenvolvidas nos espaços (auto) biográficos corporativos os narradores estão vivenciando um cotidiano onde o trabalho ocupa espaço de destaque na vida das pessoas. Muitos deles nos relatam que ficam mais tempo no ambiente de trabalho do que na própria casa. Essas memórias do trabalho estão em construção e o que pudemos constatar nas oficinas (auto) biográficas foi a criação de um espaço de reflexão e função de cada participante na memória da empresa. Nos espaços como Centro de Convivência, Sesc e Rosalia de Castro onde fizemos uma intervenção por um tempo mais longo no modelo da oficina, o registro dessas lembranças se transformou em um caderno de memórias produzido pelos próprios narradores, que foi entregue a cada um dos participantes ao final do processo. Nesse sentido os narradores tornam se produtores culturais, partindo do princípio que um trabalho documental é um produto cultural.

A partir das conversas e das trocas, ocorridas nos encontros, pedimos para que os participantes registrassem essas histórias compartilhadas e as lembranças dos momentos vivenciados. Esse material foi, posteriormente, organizado pelas coordenadoras e transformado nos cadernos de memórias, considerados como produção coletiva. Sua organização seguiu os seguintes passos: os textos originais foram copiados e organizados em uma seqüência, de acordo com o processo; no penúltimo encontro os textos foram encadernados pelos próprios idosos; finalmente, cada integrante recebeu seu exemplar, com as histórias compartilhadas naquele grupo. No encerramento os idosos fizeram a entrega oficial de um exemplar do caderno para o representante da instituição em que ocorreu a oficina e, é realizada uma confraternização, aberta para novos interessados e familiares dos idosos.

E como são feitos esses registros? Cada integrante teve a “tarefa” de registrar as lembranças evocadas, faladas ou não em cada encontro, mas como nosso objetivo é inclusivo, o critério – alfabetização – não foi considerado. Muitos participantes são analfabetos, principalmente na cidade de Barueri, e nesses casos, sugeríamos inicialmente que os idosos procurassem parceiros nas famílias. Tivemos sucesso em vários casos, o que aponta para a criação uma nova relação intergeracional significativa, entre pais e filhos, mas principalmente entre avós e netos. Em outros casos, nos dispusemos a funcionar como mãos e olhos daqueles impossibilitados de versar pelo mundo escrito. Os idosos nos ditavam suas histórias e, com a preocupação de não alterar a forma e estilo da narrativa, registrávamos e líamos as narrativas para eles que, posteriormente, assinavam, garantindo a fidelidade do relato.

Notamos que essas pessoas experimentaram algo inesperado: ter sua história registrada e, mais, levou-os a ter coragem e o desejo de se alfabetizarem para lerem seus cadernos ou outros textos. Esclarecemos que no Grupo Vida Barueri eram oferecidos cursos de alfabetização para adultos, e nós os incentivamos e motivamos para enfrentar esse desafio. Sobre o projeto de alfabetização trazemos a fala de uma idosa de 86 anos: “*Eu quero aprender a ler e escrever um pouco porque não quero ficar dependendo dos netos e nem de ninguém*”

O caderno, produto final do processo das oficinas de memória autobiográfica não tem pretensões literárias e, assim, mantivemos no original o modo pelo qual cada participante fez seu relato. Como resultado final da oficina, sabemos que não contempla todo o processo vivido, e nem mostra a intensidade das emoções compartilhadas pelo grupo, mas é concreto e recebido pelos idosos com muita surpresa, satisfação e orgulho, o que alimenta e estimula as coordenadoras e os idosos para projetos futuros.

Nesse exercício a reflexão, organização e documentação permitem o desenvolvimento e muitas vezes da descoberta de uma nova perspectiva da própria história.

Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. O único meio de termos acesso a nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da escrita de uma história (ou de uma multiplicidade de histórias): de certo modo, só vivemos nossa vida escrevendo-a na linguagem das histórias. (Delory-Momberger, 2008:36).

De maneira geral, nas oficinas utilizamos recursos como leituras, reflexões e dinâmicas de grupo, a partir de material adequado e pré-selecionado pelas mediadoras. Esse material é usado como estímulo para iniciar as conversas evocativas. Segundo Izquierdo, “*de longe, e por enorme diferença, o melhor exercício para preservar e melhorar a memória é a prática da leitura.*” (2004:85, grifo do autor).

Queremos ressaltar que nem sempre temos um caderno, podemos construir um produto imagético, um livro da empresa ou mesmo um desenho coletivo que represente aquele momento, onde os participantes se sintam pertencentes ao grupo e autores do registro construído.

Nas instituições asilares entra-se em um espaço complexo que tem o compromisso de acolher, proporcionar um lar e cuidar, para que os velhos se sintam pertencentes a estes lugares e amparados diante de suas necessidades. No entanto, o institucionalizado vive em espaço limitado, realizando as mesmas atividades com as mesmas pessoas, em horários determinados, atendendo às exigências institucionais e não as pessoais, sofrendo assim a restrição de seus desejos de autonomia. Convivem com pessoas desconhecidas, de hábitos e maneiras de viver das mais diversas. Passa a existir um rompimento do padrão de vida anterior e se oferece a este sujeito uma situação de compartilhamento fechado, afastando-o do convívio social e familiar. Camarano (2007:182) ressalta que o ingresso numa instituição “*significa uma ruptura com uma comunidade e a adoção de uma outra*”. Geralmente, esta ruptura se dá nos vínculos afetivos (familiares), e os novos vínculos são com pessoas, em princípio, desconhecidas, sem nenhum laço afetivo.

As oficinas *Conversando com residentes de Instituições de Longa Permanência para Idosos* foram realizadas em instituições asilares distintas situadas na Grande São Paulo e tiveram a participação de 25 idosos em quatro grupos diferentes. Os critérios de elegibilidade do grupo foram lucidez e preservação auditiva.

Inicialmente promoveu-se a aproximação das mediadoras com os residentes para informá-los e convidá-los a participar do processo da Oficina. Com a sua anuência iniciou-se o trabalho tendo como eixo temas adequados às características grupais.

Como afirma Izquierdo (2002), a memória é modulada pela emoção, como nessa frase: “*Eu vivia muito feliz. Tudo me sorria. Esta foto é de 1945*”. (homem, 94 anos). Outro aspecto significativo nas narrativas foi a presença e as referências à família. Ela se

tornou, em alguns casos “a tecelagem onde se unem os fios de relatos de solidão.” (Chauí, apud Bosi: 1999:32): “Éramos 10 irmãos. Todos já morreram. Da minha família só ficaram minha irmã e eu. Passei por todas as vicissitudes da vida”. (homem, 94 anos).

Constatamos que um dos principais motivos que levam as pessoas a participarem da oficina é a palavra memória, em função do estabelecimento da relação entre perda da memória e envelhecimento. Com o aumento da longevidade e o desenvolvimento das ciências médicas, patologias como as Demências Tipo Alzheimer (DTA), entre outras, que se iniciam com os esquecimentos, são cada vez mais estudadas e seus resultados largamente divulgados.

No entanto, nosso trabalho se alinha entre as abordagens de caráter preventivo, lembrando que “para a memória normal se aplica o princípio de que a” função faz o órgão”. As pessoas que cultivam sua memória, principalmente praticando-a por meio da leitura consciente, mantêm sua mente funcionando o melhor possível até o final.” (Izquierdo, 2004:95).

Zarebski (2005) ressalta que “todos, a cualquier edad, soñamos despiertos” o que reforça que na oficina de memória (Auto)biográfica independe da idade, a conversa evocativa aproxima e quebra barreiras sociais, etárias. Pela nossa experiência os idosos redescobrem-se e podem resgatar projetos de vida e os mais jovens (como os funcionários da empresa) podem resgatar a própria identidade no contexto mais amplo da corporação. Zarebski continua dizendo que no envelhecimento normal “esse ensueño diurno se nutre en gran parte del pasado, pero de un modo placentero, no nostálgico, que reconectándolo con sus afectos, le permiten ir reescribiendo su historia y sostener así su identidad”(2005:27)

Como técnica tem-se mostrado eficiente, pois dá voz e visibilidade aos sujeitos envolvidos e, ao trabalhar a atenção, a síntese e a conclusão, também atua nas funções cognitivas. Uma narradora, mulher, 70 anos descreve com exatidão esse aspecto por nós levantado:

“Oficina de Memória. O que é isso?Falando de memória. Mas onde encontrá-la. Após algumas décadas de nossa vida, essa peça importante da engrenagem cerebral, tende aos esquecimentos, fazendo com que a pessoa vitima desse mal, deixe de participar de tudo que se relacione com ela.

Não estuda, não lê, não escreve, porque para exercer essas atividades é necessário saber lembrar aquilo que lê, estuda ou escreve.

Nosso vocabulário vai se extinguindo deixando uma lacuna em nosso cérebro, que já nem insiste em trabalhar...

Imaginem, que eu falei até do bolinho de fubá, indigesto para mim, o qual nunca havia falado dele com ninguém.

Com seu jeitinho especial vocês, conseguiram fazer com que pudéssemos abrir nossas caixas de segredos, sem medo de nos sentir ridicularizadas, antes nos sentir com a alma lavada, ao resgatar nossa memória adormecida.”

Os resultados apontam que as situações vividas e compartilhadas podem facilitar a formação de laços afetivos entre os participantes e entre eles e as instituições ao favorecer a descoberta de potencialidades. Foram registradas melhoras nas funções cognitivas, no vocabulário e sentimentos de melhora na qualidade de vida, segundo avaliação subjetiva feita pelos idosos e pelas pesquisadoras.

Bibliografia:

AMARAL, R.; BRANDÃO, V.; CABRAL, P. (2008)- *Oficina de Memória Autobiográfica Conversando com Idosos: O Registro das Memórias Vivas* - Chile, Red Latinoamericana de Gerontología (www.gerontologia.org)

- BERQUÓ, E.** (1996) – “Algumas Considerações Demográficas sobre o Envelhecimento da População no Brasil” in *Anais do Primeiro Seminário Internacional sobre o Envelhecimento: uma agenda para o fim do século*. Brasília, 1-3 de Julho de 1996.
- BOSI, Ecléa** (1999) – *Memória e Sociedade – Lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras.
- BRANDÃO, Vera M.T.** (2002) Oficina de Memória – Teoria e Prática: relato sobre a construção de um projeto. *Revista Kairós Gerontologia*, 5(2):181-195, São Paulo, EDUC.
- BRANDÃO, Vera M. T.** (2005) – Memória autobiográfica - reflexões IN:CORTÊ, B., MERCADANTE, E., ARCURI, A. (orgs) – *Velhice, envelhecimento, complex(idade)*. São Paulo: Vetor. pp 155-182.
- BRANDÃO, Vera M. T.** (2008) *Labirintos da memória: Quem sou?* São Paulo – Ed. Paulus.
- CAMARANO, Ana A.** (2007) “Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos” In NÉRI, A. L. (org.), *Idosos no Brasil Vivências, desafios e expectativas na terceira idade* São Paulo: Edições SESCSP.
- DELORY-MOMBERGER, C.** (2008) *Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto*. Natal, EDUFRN; São Paulo, Paulus.
- HALBWACHS, M.** (1990) “A memória coletiva”. In *Revista dos Tribunais*. São Paulo, Revista dos Tribunais/Vértice,.
- IZQUIERDO, I.** (2002). *Memória*. Porto Alegre: Artemed.
- IZQUIERDO, I.** (2004)– *Questões sobre a memória* – Rio Grande do Sul, UNISINOS,.
- IZQUIERDO, I.** (2005) – *A arte de esquecer. Cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro, Vieira e Lent,.
- PAZ, Serafim F.** (2004) – “Movimento Social: participação dos idosos” in PY, L.(et al.) *Tempo de envelhecer – percursos e dimensões psicossociais* – Rio de Janeiro: Nau Editora,.
- ZAREBSKI, G.** (2005) – *Hacia um buen envejecer* – Buenos Aires – Ed. Universidad Maimónides.